

ESSAS IMAGENS SÃO COLAGENS DE ALGUÉM

LUÍSA SILVA DA COSTA¹; EDUARDA GONÇALVES³

¹UFPEL – luisasilvadacosta888@gmail.com

³UFPEL – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teórico - prático intitulado *Essas imagens são colagens de alguém* (figura 1) foi realizado e faz parte do conjunto de produções que compõem o trabalho de conclusão de curso. A produção é resultado de orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves e está vinculada ao desenvolvimento de pesquisa em poéticas visuais e ao projeto de pesquisa Territórios, deslocamentos, cartogravistas e cartografias na Arte Contemporânea a partir do sul do Brasil e ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (UFPEL/CNPq).

No processo técnico do trabalho, um livro - obra foi realizado a partir de proposição de colagens digitais que posteriormente foram pintadas em um livro em formato de gaita. A ação de transpor colagens digitais para a pintura, permitiram adicionar e remover partes, a fim de intensificar o sentido do que fica. O observador do livro-obra se depara “com um conjunto fragmentado, cujo sentido é dado aos poucos pelas relações díspares que se estabelecem entre o conjunto e o plano da pintura” (Iwasso, 2011). Passei a utilizar o suporte em formato de livro buscando a potência no detalhe, na possibilidade de manuseio e no preciosismo de prender o olhar. É nessa ideia final que acredito que o livro de artista como obra se coloca.



Figura 1: **Essas imagens são colagens de alguém**, 2025.
Livro de artista, 15cm x 10cm

2. METODOLOGIA

O trabalho surgiu como uma epítome pela vontade de seguir trabalhando sobre cadernos de colagem, mas retomando a pintura. O formato escolhido foi de um livro sanfonado, medindo 10 cm x 15 cm, com pinturas frente e verso em tinta acrílica sobre papel canson.

Eu sentia já ter saturado o estudo de imagens produzidas por mim: pinturas a partir de colagens digitais, pinturas a partir de cadernos de colagem, colagem pensando imagens de domínio comum e colagens a partir de imagens minhas. Assim, pedi que sete pessoas próximas elaborassem colagens digitais (figura 2 e 3) que representassem como elas se viam no mundo e quais imagens consumiam na *internet*. Poderiam ser recortes fotografados por elas, ou obtidos de sites. Meu objetivo era, pela pintura de tais colagens, seguir pensando o cotidiano, o comum e a quantidade de imagens que consumimos e desconsideramos.

Foi dessa forma que cheguei na questão colaborativa: pedir que outras pessoas, nesse caso amigas minhas de faixa etária similar, elaborassem colagens para mim.



Figura 2 e 3: **Colagens digitais**, 2025. Arquivo pessoal: Luísa Costa

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelas páginas pintadas do livro, destaco que as diferentes perspectivas trazidas ao trabalho no momento em que eu chamo o *outro*, conceito de Jean Lacri, são enriquecedoras pois não se trata de “devolver à imagem a sua história, mas de dar a ela alguma história”, nas palavras de Ronaldo Entler

(2019). Esclarecendo o termo, *outro* para Lancri seria justamente uma “espécie de lugar estranho onde o sujeito humano vai retirar do que alimentar seu desejo, seja o desejo de saber, seja o desejo de fazer-obra, seja o desejo de fazer arte” (Lancri, 2016).

Além de tudo, existem grandes diferenças em trabalhar com imagens dos outros e com as minhas. Se torna imprescindível, portanto, pensar nas disparidades do que eu escolho, para o que os outros selecionam. A proposição, como modo de fazer e incluir a participação no processo de criação e/ou na apresentação, do final do século XX, permite isso. A busca de locais onde o público é convidado a ter participação ativa na obra, difere da arte que se concentra na contemplação. Exemplificando, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Rivane Neuenschwander são exemplos da arte propositiva no Brasil. A última, que utilizo como referência direta, trabalha as questões da importância da interação do público com a obra e do público com ele mesmo.

Concomitantemente, convivemos com uma cultura de consumo visual para além da arte, onde há a possibilidade de se enxergar e criar narrativas através da junção de imagens prontas, chamadas pelo crítico de arte Leo Steinberg, como imagens de “segunda geração”. Essas seriam imagens que não apenas representam o mundo visível, mas também representam outras imagens. Ou seja, reflexivas, trazem consigo a consciência de sua própria condição de imagem ou que contêm outras como parte de sua construção (Steinberg, 1972). A arte contemporânea rompe a tradição da *janela para o mundo*, que seriam as imagens de primeira geração, e passa a conviver com os conceitos da reprodução e do distanciamento da ilusão de realidade. Logo, a colagem pode ser uma coletânea de imagens e informações sem se preocupar com autoria ou propósitos do material ressignificado pela prática artística.

Em paralelo, livros de artista são obras que permitem o manuseio e o encontro de diversas linguagens e técnicas artísticas no mesmo objeto. O formato, enquanto pode abordar temas como a natureza do livro, a arte, a linguagem, a memória e a identidade, vai muito além do aspecto textual, muitas vezes sendo puramente imagético. A capacidade de deslocar essas fotos de sua origem e retê-las através do arquivamento e da pintura, rompe o fluxo da velocidade e saturação das imagens digitais. Isolados, recortados e editados,

esses “fragmentos de mundo” buscam abrigo nos demais. Onde, nas palavras de Fernando Fuão, “é no encontro de figuras recortadas que se elabora o grude” (Fuão, 2010).

4. CONCLUSÕES

O trabalho apresentado faz parte da produção que constitui o trabalho de conclusão de curso e está disposto junto com o desenvolvimento de colagens e pinturas, em diferentes formatos. Cada qual possui um tipo de proposição, os demais de forma menos participativa. Os meus livros de artista, através da linguagem da colagem e da pintura, buscam uma coesão na nova realidade criada através da cola. A cada página, os conjuntos de figuras se reagrupam, coagulam, unem, alinhavam, suturam, aglutinam, reúnem, ligam, conectam, grudam, enxertam, integram e confeccionam algo novo.

Assim, as escolhas de imagem estão longe de ser aleatórias. Portanto, a colagem é **efetivamente** dada por imagens de domínio comum, mas **afetivamente** ressignificada pela capacidade de se identificar com o que consumimos; as minhas pinturas buscam refletir esse aspecto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENTLER, Ronaldo. Apropriações: Excesso de imagens, excedentes de sentido. Revista Zum, 2019. <https://revistazum.com.br/colunistas/apropriacoes/> . Acesso em: 02 jul. 2025

FUÃO, Fernando. A cola. As partes, 2010. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2020/04/a-cola.html> . Acesso em: 02 jul. 2025
STEINBERG, Leo. Outros critérios: confrontos com a arte do século XX. São Paulo: Cosac Naify, 2008

IWASSO, Vitor Rezkallah. O mundo de segunda mão: fotografia, colagem e processos digitais na prática da pintura. 2011.

LANCRI, Jean. Sobre como a noite trabalha em estrelas e por que. Scribd, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/321690446/Sobre-Como-a-Noite-Trabalha-Em-Estrela-e-Por-Que-Jean-Lancri> Acesso em: 02 jul. 2025